

O Brasil Imperial que vive nas fazendas turísticas do “Vale do Café”: entre representações sociais que a branquitude manteve e novas estruturas de sentimento<sup>1</sup>

Nathalia Pereira da Silva (USP/SP)

palavras-chave: memória cultural, turismo histórico, representações sociais

## **Introdução**

“Vale do Café”, Rio de Janeiro. Ali, uma natureza bucólica envolve construções alicerçadas durante o século 19, em um momento de ascensão da produção cafeeira que financiou a riqueza financeira das elites e, não menos importante, do Império do Brasil. Infelizmente, tudo sustentado pelo árduo trabalho da mão de obra escravizada, responsável pela produção dos bens que garantiram esse progresso. Ainda assim, há um cenário de luxo e requinte preservado na arquitetura e recuperado em objetos de época, que pode ser visitado e revivido no século 21. “Uma volta no tempo”. Essa é a proposta (e a promessa) do circuito de turismo histórico no Vale do Paraíba fluminense, que vem atraindo um fluxo cada vez mais intenso de visitantes nas últimas décadas.

Ao longo dessa região, dezenas de fazendas oitocentistas foram recuperadas com propósitos comerciais e formam hoje um circuito que atrai visitantes em busca de uma imersão no passado. Transformadas em complexos turísticos, essas fazendas históricas se valem do acionamento de objetos de cultura material e dos edifícios antigos para veicular uma determinada versão da história e, sendo assim, se assumem como espaços atravessados por uma determinada memória cultural (ASSMANN, 2011) da nação. Diferentes ambientes das casas foram reconstituídos a partir de coleções pessoais dos proprietários, que passam a investir em objetos de antiquários para compor não só as edificações legadas do século 19, mas também construir outras que seguem o mesmo estilo arquitetônico e servem propósitos novos.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado na 33ª Reunião Brasileira de Antropologia, realizada entre os dias 28 de agosto a 03 de setembro de 2022



Figura 1: Postagem do perfil da Fazenda São Luiz no *Instagram*.

Na imagem, o texto: E quem falou que não é possível voltar no tempo  
#fazendahistorica

11 de nov. 2019



Figura 2: Postagem do perfil da Fazenda Florença no *Instagram*.

Legenda: Se você deseja viajar no tempo, você precisa conhecer nossa Casa Sede, uma visita indispensável que vai te transportar para dentro da história do Vale do Café.

24 de mar. 2021

Além dos ambientes, os proprietários também promovem visitas pelas propriedades e seus acervos de luxo. Esses serviços são, em grande parte, realizados por guias que se vestem como personagens históricos, o que costuma ser muito bem recebido pela maioria dos visitantes. Mas essas estratégias já causaram polêmicas intensas sobre os limites e efeitos das representações de si e do outro nesse tipo de experiência turística.

Maior exemplo disso, em 2016 a região ganhou notoriedade em um setor da mídia e nos grupos progressistas que o acompanham a partir de uma notícia no jornal *The Intercept* Brasil, assinada pela repórter Cecília Olliveira. Uma atração que vinha acontecendo na Fazenda Santa Eufrásia foi denunciada como uma prática racista, que colocava trabalhadoras negras em uma posição de submissão. A matéria impulsionou uma ação do Ministério Público Federal para que fosse assinado um Termo de Ajustamento de Conduta (TAC), o que reverberou em diversos outros veículos de imprensa, como o *Viagem Estadão* e *O Globo*.<sup>2</sup> Como me contaram Andreia “Pit” Alves, Silvana Nunes e Adriano Novaes, influentes guias da região que aparecerão mais vezes ao longo do texto, o episódio teve forte impacto nas práticas de apresentação em andamento.

Proponho uma análise do que acontece a partir de informações coletadas em visitas guiadas, entrevistas e imagens veiculadas pela mídia *Instagram* de três fazendas localizadas na região. Já a Fazenda São Luís da Boa Sorte, a Fazenda União e a Fazenda Florença são hotéis de luxo, também abertos a visitação. Esses empreendimentos serão meu foco, já que seus proprietários e visitantes produzem maior quantidade de conteúdo audiovisual. Como complemento, porém, utilizo ainda informações coletadas sobre a Fazenda Santa Eufrásia, a Fazenda Paraizo e a Fazenda São João da Prosperidade, também da região, mas que são moradias dos proprietários, funcionam apenas para visitação e têm baixa ou nenhuma atividade em mídias sociais. Uma análise do material veiculado pelos proprietários na plataforma *Instagram* articulada a artigos de publicações jornalísticas e ainda relatos coletados em entrevistas, vem se mostrando especialmente profícua para entender tanto o conteúdo, como o processo de fabricação das narrativas que sustentam diferentes empreendimentos no Vale do Café.

A partir desse material, é possível explorar como as narrativas produzidas para o turismo informam sobre a contínua (re)produção de um imaginário hegemônico sobre a história, aqui considerado como descendente direto do colonialismo e de referências próprias da branquitude. As dinâmicas turísticas criadas nessas fazendas se valem do conhecimento em circulação sobre a história e, por meio de suas atividades, as fazendas

---

<sup>2</sup> Fazenda do Vale do Café faz acordo com MPF para encerrar encenações consideradas racistas. *Viagem Estadão*, 03 mai. 2017. Disponível em: <https://viagem.estadao.com.br/noticias/geral/fazenda-do-vale-do-cafe-faz-acordo-com-mpf-para-encerrar-encenacoes-consideradas-racistas,70001760677>  
Fazenda e MP celebram acordo para pôr fim a encenação sobre escravidão. *O Globo*, 02 mai. 2017. Disponível em: <https://blogs.oglobo.globo.com/ancelmo/post/fazenda-que-fazia-turismo-de-escravidao-comecara-receber-visitas-escolares.html>

passam a integrar elas mesmos circuitos de informação que, no caso, reverberam um discurso sobre um passado glorioso, luxuoso (ainda que escravocrata, sempre colocado em parênteses). Tal imaginário se materializa em representações sociais derivadas de um sistema baseado em referenciais do Ocidente (HALL, 2019) e constitutivo da comunidade imaginada da nação (ANDERSON, 2008).

Ainda que algumas fazendas tentem incorporar histórias e personagens que contem sobre o legado afrodescendente, tais iniciativas esbarram em sensibilidades que não logram ampliar de maneira considerável os olhares possíveis sobre as dinâmicas sociais vividas naquele período. Por outro lado, algumas expressões de contestação aos modos de apresentação do passado nessas fazendas vem sendo realizadas, tanto por meio de ações jurídicas e falas públicas, quanto pelo guiamento de profissionais comprometidos com práticas de valorização da história afrodescendente.

### **A memória cultural como temática de um passado áureo**

O turismo em locais de valor histórico faz emergir espaços carregados de uma pluralidade de sentidos (BRUNER, 1994) e, com isso, permite entrever disputas por versões históricas e demandas por autenticidade, que é sempre disputada<sup>3</sup>. Isso é combinado à proposta de que a materialidade serve o propósito de imersão em outro contexto, criando uma “fascinação com pequenas diferenças” que é essencial para a construção do “*playfulness of [a] place*” (SHELLER E URRY, 2004: 1), ou seja, a capacidade de prover entretenimento. É notável também que, de partida, os ambientes tematizados historicamente, como as fazendas em análise, permitem que o deslocamento no espaço inerente à prática turística seja acoplado a um outro deslocamento, agora no tempo. No âmbito discursivo, portanto, a potencialidade turística das fazendas do “Vale

---

<sup>3</sup> O antropólogo Edward Bruner ressalta que não seria possível pensar na indústria do turismo sem que os sentidos atribuídos à autenticidade fossem multiplicados: ela passa a ser entendida como qualidade da reprodução/simulação, que deve ser crível e verossímil ou irretocável em todos os seus detalhes. A autenticidade pode ser derivada, ainda, da capacidade de transmissão de uma aura própria dos espaços e objetos supostamente originais às atrações. E se o turismo é, em qualquer circunstância, uma arena privilegiada para os jogos de poder em torno da autenticidade, tal disputa ganha ainda maior peso no caso das atrações patrimoniais, museais ou religiosas. Isso porque, nessa multiplicação de sentidos, a autenticidade dependerá dos certificados que instituições tidas como legítimas venham a atribuir às réplicas, cópias ou simulações (Bruner, 1994).

do Café” teria como um de seus fundamentos a capacidade de seus agentes promotores de apresentá-las como pertencentes a um “passado áureo” a partir da evocação performática de um acervo comum de representações da nação, acionadas por meio de determinados objetos, imagens e encenações.



Figura 3: Postagem no perfil da Fazenda São Luiz no Instagram.

Legenda: Viver o século XXI é plenamente possível, com conforto do século XXI.

21 mai. 2021

É a partir da perspectiva das práticas turísticas e da lógica comercial que faz sentido olhar para a construção desses espaços. As fazendas do Vale do Café são, antes de tudo, espaços de entretenimento em que a arquitetura, a composição seletiva da paisagem, itens de cultura material, performances e imagens de alta circulação são combinados para compor uma “economia de signos” (LARSEN E URRY, 2011) que busca proporcionar uma imersão no passado. Seus proprietários buscam viabilizar a criação de um ambiente que, a partir de uma composição mais ou menos organizada de peças centenárias, possa trazer à vida um cenário autêntico para a experiência do visitante e a vivência na fazenda. Construções antigas, adornadas com artefatos históricos, fazem as vezes de um palco estendido para as encenações do passado e interpretações de sentidos, servindo como veículo para uma “viagem no tempo”, expressão nativa quase onipresente nos materiais de divulgação e nas falas dos anfitriões.

Essa pretensa autenticidade, porém, não tem um significado fechado, longe disso. Em geral, as fazendas apontadas estão inteiramente renovadas, principalmente aquelas que se tornaram hotéis, e dispõem de um rico acervo de peças históricas e de luxo. A Fazenda União, por exemplo, é a mais descaracterizada em relação ao que existia não só no século 19, mas antes da chegada dos atuais proprietários há cerca de 15 anos (NOVAES, 2020; GRINGBERG, 2020). Seus mais ilustres proprietários, barões e viscondes, residiam em outras fazendas da região. A história que se conta ali é de um requinte que vai sendo criado no presente, mas busca no passado sua aura.

O termo que mais aparece nos diferentes veículos de comunicação em relação aos itens expostos ou mesmo em uso nas fazendas é outra: “original”. A palavra aqui costuma ter dois significados: original da casa e original de época (século 19). Bom exemplo disso é o fogão escocês na cozinha interna na casa-sede da Fazenda União, que é um dos marcadores mais recorrentes para fotos, principalmente por proprietários, mas também por turistas. Em outubro de 2020, uma postagem informa que o fogão era um desejo de longa data dos atuais proprietários que o adquiriram. Trata-se, porém, de um fogão fabricado no século 19 e, assim como os utensílios de cozinha nas fazendas oitocentistas, é importado. A partir dessas características, ele é reconhecido como original e sua presença naquele cenário é validada.



Figura 4: Postagem no perfil da Fazenda União no *Instagram*, mostrando parte da cozinha interna, com foco para o fogão a lenha, utensílios de cozinha e armário.

05 mar. de 2020

As imagens veiculadas pelos proprietários (e pelos hóspedes) no *Instagram* também mostram como o entorno das casas-sede são formados por construções de edifícios com estilo homogêneo e estética colonial, seguindo uma “coerência e integridade temática. Na Fazenda União e na Fazenda Florença foram erguidas capelas, idealizadas a partir de seus proprietários, arquitetos e artistas cujas obras decoram o ambiente. Na Fazenda São Luís da Boa Sorte, por sua vez, foi construído um espaço que se propõe a reproduzir uma senzala e abriga um “Museu do Café”.

Como já anunciado, esses espaços são montados com o propósito de imersão em outro contexto. Durante a entrevista com Adriano Novaes, ele conta que

(...) quando começou a ser comercializado essa coisa das fazendas de café, era a ideia de que você revisitar as fazendas era como se você estivesse comparando com os castelos lá na França, e que era um glamour. Que eram casas muito bonitas, com peças de arte (2020).

Esse imaginário aparece claramente na vivência turística. Em determinado ponto de uma visita guiada que acompanhei na Fazenda do Paraíso (maio de 2019), a guia ressaltou que ali os turistas estavam vendo “alguns tecidos na parede, que lembram muito o palácio de Versalhes, com aqueles adornos”. O que entende-se por arte e cultura, portanto, é bem específico. São referências europeias, mais precisamente, francesas. O gosto da aristocracia do café no século 19 se perpetua para chegar aos dias de hoje com um peso parecido, senão igual.

O maior exemplo da aproximação com o gosto pelo aristocrático, porém, provavelmente se vê no culto às figuras de poder do Império. Todas as fazendas estudadas exibem retratos de D. Pedro II e da imperatriz Thereza Cristina nas salas de entrada da casa-sede. Os proprietários explicam a presença dessas imagens como mais um dos elementos que compõem a originalidade do espaço, uma vez que todas as casas teriam um retrato exaltando a família imperial. A Fazenda Florença vai além, e integra bonecos de silicone no interior da casa-sede, os quais são usados também como cenário para jantares com grupos turísticos e encenações.



Figura 5: Postagem no perfil da Fazenda Florença.

Legenda: Esculturas em tamanho natural da Família Imperial fazem parte do acervo do Hotel Fazenda Florença. Dom Pedro II, Princesa Isabel, Conde d'Eu e Imperatriz Theresa Christina foram feitas em silicone pelo artista plástico Jerônimo Magalhães fazem parte em diversas peças teatrais e do “Jantar Imperial” contratado por grupos. Já estamos roteirizando novas peças teatrais sobre a “Família Imperial no Vale do Paraíba Fluminense” para 2021.

10 nov. 2020

Um diagnóstico sobre o que está em jogo nesse cenário foi apresentado pela historiadora Keila Gringberg, especialista em história da escravidão e atuante no âmbito da História Pública. Em uma entrevista concedida a mim em dezembro de 2020, ela disse:

Eu acho que a fazenda, especificamente essas fazendas imperiais do Vale, elas trazem com elas isso que a gente chama de **“nostalgia imperial”**. Esse olhar ideologizado, romantizado para o passado do tempo dos barões do café, que cria um passado nobre para o Brasil, que o Brasil nunca teve. (...) Então, o que que eu acho que atrai é isso. É porque a **visita à fazenda permite um voo no passado, mas é um voo num passado mítico**, porque ele retira todo o caráter violento desse período, e foca naquilo que é o belo. Que é bonito mesmo. Que é a Casa-Grande, que são os jardins planejados, tem uma concepção que mistura paisagismo com arquitetura do século XIX que é muito sofisticada, com as pinturas, com as esculturas. (GRINBERG, 2020 – ênfase minha)

O termo “nostalgia imperial” é tomado de empréstimo do conceito elaborado pelo historiador Ricardo Salles (2013) para definir a relação que a população brasileira mantém com a história do Império como um tempo de crescimento econômico, práticas requintadas europeizadas e governo sob liderança de um político austero e digno. Ainda que formulado de maneira diferente, esse diagnóstico está longe de ser exclusivo aos acadêmicos. Em conversa com a guia Silvana Nunes, perguntei sobre qual era a hipótese dela para o interesse nessas fazendas, ao que ela respondeu:

Eu tenho uma visão que o século XIX encanta as pessoas. É uma nostalgia por esse período imperial brasileiro, sabe? Por essa imponência, por esse glamour. Eu acho que, como é uma memória muito recente de nós brasileiros... (...) E eu acho que a gente tem uma nostalgia desse momento (NUNES, 2022).

Nesse combo da nostalgia imperial, as representações de pessoas negras ficam limitadas aos espaços de alimentação e retratam uma escravidão apaziguada e estetizada. Fica evidente, portanto, o sistema de representação que relega às margens aquilo que não representa a cultura hegemônica, ou seja, do Ocidente (HALL, 2019).



Figura 6: Postagem pelo perfil da Fazenda União mostrando a antessala da cozinha.

ca. mar. 2018



Figura 7: Postagem pelo perfil da Fazenda São Luiz mostrando parede lateral do restaurante.

12 mar. 2021



Figura 8: Fotografia da autora mostrando parte do restaurante da Fazenda Florença.

25 ago. 2022

## **As problemáticas homenagens aos escravizados**

A escravidão é reconhecido como tópico espinhoso, mas nunca está ausente nas recepções das fazendas aqui em análise. Ao longo dos passeios e em vídeos postados é falado, em diversos momentos, da escravidão. Comenta-se sobre como isso é uma parte indissociável da construção do luxo, como os escravizados são os responsáveis pela riqueza acumulada pelos proprietários e pelo país e, claro, como o trabalho pesado e as agressões eram brutais. Mas essa parte da história fica circunscrita a um fenômeno do passado e encerra a participação das histórias negras.

Ainda que fazendeiros e produtores culturais reconheçam a necessidade de falar sobre a violência contra a população negra e valorizar suas contribuições, a estrutura da branquitude toma a cena em dois pontos, principalmente. Primeiro, na escolha das formas narrativas que transformam os proprietários em grandes empreendedores e promotores do sucesso econômico do Brasil imperial. Depois, nas escolhas estéticas que configuram esses complexos turísticos.

A Fazenda São Luís da Boa Sorte é um importante exemplo em termos da construção de uma abordagem em que escravizados assumem algum protagonismo. Como já dito, a Fazenda conta com um Museu do Café, dentro do qual há um “memorial do escravizado”. Por um lado, os proprietários – sempre pela voz de Liliana Rodriguez – apresentam estratégias para denunciar a crueldade da escravidão e enaltecer o trabalho e a cultura de africanos e afrodescendentes. Fora o Memorial do Escravizado, a fazenda tem várias pinturas retratando pessoas negras e os recreadores infantis inclusive se vestem de Mariana Crioula e Epifânio Moçambique, duas das mais importantes figuras na Revolta de Manuel Congo (1838). Em 14 de abril de 2021, “Dia Mundial do Café”, Rodriguez fez um vídeo para a página *Instagram* da Fazenda São Luís e terminou com uma homenagem: “Uma deferência especial ao negro escravizado, que fez a história do Vale do Café”.



Figura 9: Postagem no perfil da Fazenda São Luiz.

Legenda: Tem um painel lindo para renovar a decoração da São Luiz da Boa Sorte! A Liliana Rodriguez @lilirlrodriguez mostra os bastidores para vocês! Veja como vai ficar ainda linda para receber vocês!

02 out. 2020

A imagem acima é um recorte de vídeo que mostra a proprietária Liliana Rodriguez na sala de almoço, onde estavam criando um “painel, muito bonito, remetendo à África”. Trata-se de uma adaptação da obra “Mulher africana”, de Albert Eckhout. Essa é uma das imagens de mais fácil acesso, quando se trata da representação de pessoas negras no Brasil colonial. Na mentalidade daquele que está tentando criar uma imagem que pretende homenagear a população afrodescendente e à “África”, parece uma ação mais do que digna criar um item de decoração com um corpo negro que já é conhecido e circula sob o signo de uma pintura clássica. Além disso, Liliane faz questão de apresentar o funcionário que está fazendo a pintura e conta como aquela imagem foi pensada por ambos e mais um funcionário da equipe.

Mas essa escolha aponta para a falta de formação e sensibilidade para as questões de representação. Em primeiro lugar, o corpo negro ali homenageado é de uma mulher ativa, mas que foi colocada na cozinha. Além disso, trata-se de uma pessoa genérica e exotizada. Ainda que em uma tentativa de exaltação, a ação da proprietária deixa evidente

uma postura marcada pelo que Stuart Hall (2019) categoriza como uma separação entre o Ocidente (*West*) e o Resto (*Rest*), a partir da qual as expressões culturais seriam divididas. O Resto, em que o corpo africano se encaixaria, é apresentado pelo olhar colonial e a partir de características – e repito porque essa é a palavra-chave – exóticas.

Os bonecos de Mariana Crioula e Epifânio Moçambique são igualmente problemáticos, já que, apesar de serem anunciados como personagens que contam a história do Vale na fazenda, são colocados como parte da recreação de maneira a recriar a exata função de escravizados: cuidar e entreter os brancos. Mariana Crioula e Epifânio Moçambique, líderes de uma das maiores revoltas de escravizados do país, voltam ao lugar de submissão.



Figura 10: Imagem com recurso de interação postada pelo perfil da Fazenda São Luiz, mostrando os bonecos em momento de recriação infantil. 12 jun. 2021



Figura 11: Postagem no perfil da Fazenda São Luiz apresentando as personagens Mariana Crioula e Epifânio Moçambique, que aparecem como bonecos. 02 dez. 2020



Figura 12: Recorte de vídeo postado pelo perfil da Fazenda São Luiz mostrando os bonecos dançando em momento de recriação infantil. 22 mar. 2021

A produção dessas mídias para a promoção das atividades turísticas das fazendas costuma ser muito proveitosa, mas, às vezes, chamam a atenção de espectadores bem pouco afinados aos saberes ali promovidos. É sintomático que a notícia de Cecília Olliveira para o *The Intercept*, que, eu relembro, estremeceu os negócios de todas as fazendas da região, se valeu apenas de imagens e vídeos que já circulavam antes na internet. A capa da matéria usa uma fotografia que já havia sido publicada no Caderno de Turismo da Folha de São Paulo seis meses antes - em uma reportagem curiosamente intitulada *Roteiros com jantares e saraus levam turista ao passado do Vale do Café*. Já o vídeo que a equipe do *The Intercept* produziu como peça para o *Youtube* contando do caso se valeu de material também disponível online no programa Casa de Fazenda – Fazenda Santa Eufrásia (2013), pelo Canal Habitar na plataforma de vídeos *Vimeo*.

Uma vez feita a denúncia pela reportagem, o Ministério Público definiu medidas incisivas sobre um novo padrão de conduta não só na Fazenda Santa Eufrásia, mas em todas as demais que mantinham atrações similares da região.

Não foi a primeira atração no Vale, aliás, a sofrer uma ação do Ministério Público. Em 2005, a Fazenda São João da Prosperidade foi acusada pela Ouvidoria da Secretaria Especial de Políticas de Promoção da Igualdade Racial (Seppir), que pedia a imposição de medidas “visando coibir a encenação degradante do teatro da escravidão” (AFROPRESS, 2006).



Figura 13: Capa da revista O Globo: Vale do Paraíba.

Legenda: A força do turismo histórico. Consórcio de fazendas do Ciclo do Café recebe apoio financeiro do SEBRAE e começa a ser divulgado na Europa.

01 mai. 2005.

A proprietária Magid Breve Muniz teve que responder judicialmente por apresentações que colocavam funcionárias e suas filhas caracterizadas como mucamas. Novaes argumenta que essas iniciativas aconteciam/ acontecem porque proprietários têm mando sobre a narrativa, mas não têm formação histórica ou cívica adequada a novos parâmetros.

Então, aquilo ali, coitada, ela se lascou com aquilo ali. Alguém fez uma denúncia, ela teve que responder porque, inclusive, as crianças estavam trabalhando. Na verdade, elas estavam com as mães, não é trabalhando, ela não pagava as crianças para isso, por assim dizer. Elas estavam ali, estavam ajudando e estavam vestidas, então ficou caracterizado como trabalho. Trabalho infantil. (...) **É essa naturalização do brasileiro, né, de lidar com esses problemas todos de um forma muito natural, de achar que não tem problema.** Ah, elas estão aqui, não estão fazendo nada mesmo, então põe elas para fazer esse tipo de coisa, né? (NOVAES, 2020, ênfase minha).

A apresentação na Fazenda São João da Prosperidade efetivamente parou de contar com a participação de mulheres e crianças negras caracterizadas, mas Magid Muniz ainda se veste de sinhá para receber seus visitantes.

Segundo o relato de Adriano Novaes, o que aconteceu não só na Fazenda Santa Eufrásia, mas em episódios de violência racial em âmbito nacional e internacional estaria impelindo os fazendeiros a modificarem o modo de apresentar as narrativas.

Mas por que esse desencantamento um pouco, talvez, estão refletindo sobre também a figura do barão? Por esse movimento todo aí por causa da derrubada da estátua lá [de Edward Colston, em Bristol], do assassinato lá pelo policial dos Estados Unidos que desencadeou toda uma discussão sobre racismo. Mais um vez isso... E quer coisa mais emblemática do que uma fazenda do Vale do Paraíba? (...) E isso atinge fazendas de café em cheio, toda essa discussão do racismo. Não tem como! (NOVAES, 2020)

A manutenção das visitas guiadas com pessoas caracterizadas, a valorização de itens de luxo e a contínua produção de séries, novelas e vídeos contando a vida da aristocracia põem essa premissa em xeque, pelo menos por parte dos proprietários. Ainda assim, as entrevistas e participação em visitas guiadas realizadas por mim têm mostrado que, realmente, alguns pontos de um discurso antirracista têm começado a ser incorporados.

## **“A andança da mudança”**

Diante do material exposto, entendo que a conversão das fazendas em atração turística deve ser pensada dentro da chave da branquitude, porque é essa a moldura que dá sentido às escolhas narrativas e estéticas ali praticadas. Ainda que hoje estejam em voga estudos que voltam o olhar para a trajetória de grupos diversos e como eles constroem sociabilidades, a história oficial e hegemônica toma conta do turismo histórico nas fazendas. A “cultura” que é vendida ali é qualquer coisa que a civilização moderna, europeia e branca difundiu. Seguindo a proposta de Stuart Hall, seria um “padrão particular de pensamento e linguagem, um sistema de representação”, que coloca o legado do Ocidente como a medida da modernidade (2019: 143). No caso em tela, trata-se de uma narrativa sobre o passado que não se vê como história de um grupo, mas sim, como expressão de grandes processos nacionais. Trata-se, portanto, de um experiência universalizante a partir da experiência da população branca e de elite.

Essa mesma faceta da história é contada e recontada pelos proprietários, sem que sejam considerados outros passados possíveis de serem integrados, indicando que o privilégio branco resulta na reprodução do mesmo repertório de representações sociais. Como aponta Lia Schucman, “o branco não é apenas favorecido nessa estrutura racializada, mas é também [um] produtor ativo [dela]” (2020: 29). O material empírico de pesquisa até agora vem mostrando que, mesmo nas iniciativas de proprietários que buscam ampliar e diversificar a representação de corpos negros na composição do complexo turístico, acabam tropeçando em um olhar limitado apenas pelo reconhecimento de que a escravidão é um fato do passado a ser ressaltado e recriminado. As pessoas negras aparecem apenas como escravizados, seja enquanto trabalhadores responsáveis pela construção da riqueza nacional (e reconhecidos como tal) ou pessoas submetidas a um sistema violento e hediondo.

Mas no Vale, transformações substantivas tem aparecido pelo trabalho de profissionais que realizam guiamentos, nas fazendas e fora delas. Tanto Andreia “Pit” Alves quanto Silvana Nunes, as guias mencionadas no início deste texto, vêm trabalhando para reverter a narrativa. Ambas são mulheres negras, trabalham no turismo há décadas e se caracterizam como mulheres emblemáticas do século 19, que podem servir como exemplos de representatividade positiva. Ambas começaram a se caracterizar como

mucamas para realizarem guiaamentos, inicialmente não vendo problema nesse papel. Com o tempo, começaram a se sentir menos confortáveis e buscaram outras personagens. Alves relata que

Eu e a Silvana, quando a gente fazia esses trabalhos de caracterização, eu sentia ainda que não era bem isso. Estar caracterizada era importante, mas eu queria passar uma mensagem diferente. Então aí começou a andança da mudança. Aí eu comecei a fazer uma negra de ganho, que tinha direito maior de ir e vir, para mostrar a hierarquia que existia, a importância dos negros de ganho, que conseguiam muitas vezes comprar sua tão sonhada carta de alforria. Aí eu fazia uma negra de ganho que vendia leite aqui no centro da cidade de Vassouras. Mas eu queria dar visibilidade a todo esse povo de ancestralidade, que são nossos irmãos que foram aqui escravizados. Mas ainda não estava do jeito que eu queria. Aí as coisas foram aos poucos sendo formatadas, sendo construídas. Então até chegar à Mariana Crioula, uma negra livre de uma insurreição negra... trazer essa resistência, dar visibilidade a esse outro lado, trazer esse orgulho de pertencimento ao nosso povo. Porque assim, povo humilhado, sofrido, açoitado já tinha a balde, isso é só o que havia. E não era isso que eu queria. Eu queria mostrar o outro lado da moeda, a importância desse povo para a construção e constituição do nosso país (ALVES, 2022).

A mesma Mariana Crioula que é representada em boneco gigante na Fazenda São Luís da Boa Sorte é dignamente interpretada por Andreia Alves – ou “Pit”, como é conhecida – em todos os seus guiaamentos. Já Silvana Nunes interpreta Laura, uma escravizada que viveu maritalmente e teve filhos com o Barão do Tinguá, sendo reconhecida em testamento como herdeira legítima dele. Para Silvana Nunes, a criação de personagens serve ainda outro propósito, fora a representatividade direta; ela é estratégia para contar a história de forma a atrair a atenção dos visitantes, integrá-los à história sendo contada para então subvertê-la.

E aí você acha que quando eu vou abordar as pessoas para falar do século 19, eu as chamo de algum personagem do século 19. E elas adoram. E é uma estratégia para que eu consiga traçar a minha narrativa, porque aí **quando eu falo que o meu povo preto andou na frente**, vai ser bonito. E eu vou poder falar. E eu tô falando para pessoas brancas, né? (Nunes, 2022, ênfase minha)

Por fim, vale ressaltar que ambas fazem questão de cantar ao menos um ponto de jongo em seus guiaamentos. Ambas são referências regionais como profissionais que trabalham com o enaltecimento da cultura negra.

Essas práticas me parecem estreitamente ligadas com diversos outros movimentos e demandas por maior diversidade de narrativas e maior representatividade. Desde o aumento de acesso à educação formal, até a disseminação de movimentos sociais e o uso generalizado de mídias sociais para reivindicar por espaço para subjetividades alternativas aos padrões hegemônicos. Isso é especialmente relevante quanto ao tema da escravidão, como o próprio Novaes ressaltou ao lembrar de movimentos internacionais pela queda de estátuas. Me parece que estamos diante de uma nova “estrutura de sentimento” em consolidação, nos termos de Raymond Williams (2011), ou seja, uma nova cultura que elabora criativa e emocionalmente essas questões de maneira diferente do modo hegemônico anterior, de modo a questionar padrões antes estabelecidos quanto às representações raciais e reivindicar narrativas antirracistas.

A subjetividade branca, recriada nas mais diversas expressões culturais e aparecendo como eco de uma estrutura narcísica branca (KILOMBA, 2017), vem sendo crescentemente colocada em xeque de forma ampla. Em uma entrevista ao programa televisivo Roda Viva, da TV Cultura, a atriz Taís Araújo<sup>4</sup> dá um depoimento que muito pertinente para esse ponto da discussão, que conecta a estadia em hotéis com temática histórica e a questão da subjetividade branca. Ela diz:

Sabe o meu desejo mesmo? É pegar todos os clássicos que já foram contados e a gente mudar o ponto de vista desses clássicos. Botar o ponto de vista de quem estava passando lá atrás. Sempre fico pensando, de todos os clássicos, todas as novelas que já foram feitas, a gente tem histórias inéditas a serem contadas. (...) A história do Brasil é uma piada que foi contada... Uma história bárbara de maneira romântica, é isso. O Brasil colônia é contada de maneira romântica. Se duvidar você chega até agora em hotéis - e a gente fez um [episódio da série] *Mister Brau* que falava sobre isso, porque a gente viveu isso na vida real, eu e o Lázaro [Ramos], de chegar no hotel cinco estrelas chiquérrimo e ter as obras do Debret, assim, tipo, estampadas em almofadas, quadros; decoração, tipo, negro tomando porrada e tal. Cara, isso tem que servir como documento da época, não é obra de arte. Não é. Assim, não é decoração, entendeu? E é isso, o Brasil

---

<sup>4</sup> Taís Araújo é uma atriz brasileira internacionalmente conhecida, negra e uma das vozes mais proeminentes no cenário brasileiro na denúncia de estruturas racistas e na exaltação da cultura e beleza de matriz afrodescendente. A série *Mister Brau* teve quatro temporadas pela Rede Globo (2015-2018) e foi estrelada por Araújo e seu marido, Lázaro Ramos, também negro, personalidade de destaque em produções para cinema e televisão, e igualmente ativo na luta antirracista.

colônia é uma história ridícula, bárbara contada de maneira romântica.  
(ARAÚJO, 2021)

Esse relato é exemplar de como as discussões sobre a necessidade de se ter representações marcadas pela diversidade vêm ocupando espaço muito além da academia. Notadamente pela voz de artistas e celebridades negras(os), essas demandas alcançam veículos de comunicação com grande capilaridade. Ao dizer que as obras de Jean-Baptiste Debret que retratam corpos negros sendo violentados não devem ser usadas ou mesmo concebidas como material para decoração, Taís Araújo denuncia que a agressão contra pessoas negras é invisibilizada pelos brancos que a escolheram e resulta em outras violências simbólicas.<sup>5</sup>

Apesar de a fala parecer apenas anedótica diante da presente pesquisa, ela é reveladora de uma questão premente. Em seu testemunho, Araújo expressa um conjunto de sensações partilhadas emergentes, ou repito, nos termos de Raymond Williams (2011), uma nova “estrutura de sentimento” sinalizando um padrão de sensibilidade que coloca em questão velhos padrões discursivos (ver também MIGLIEVICH-RIBEIRO, 2020) e proporciona mudanças de paradigmas. Em nosso caso, a história oficial, das elites brancas deixa de fazer sentido como um elogio ao progresso, aceita sem questionamento e novos atores sociais, notadamente escravizados, passam a ser buscados.

## Referências

- ALVES, Andreia. Entrevista concedida a Nathalia Pereira da Silva. [s.l.], 08 jul. 2022.
- ANDERSON, Benedict. *Comunidades imaginadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- ARAÚJO, Taís. Entrevista concedida ao programa *Roda Viva*, TV Cultura. [s.l.], 08 mar. 2021.
- ASSMANN, Jan. *Cultural Memory and Early Civilization: writing, remembrance, and political imagination*. New York: Cambridge Univ. Press., 2011.

---

<sup>5</sup> Vale dizer que as imagens do pintor francês Jean-Baptiste Debret sobre a escravidão no Brasil são ubíquas em materiais didáticos, e formam os contornos do nosso imaginário sobre não só a escravidão, mas o lugar das pessoas negras.

- BRUNER, Edward. “Abraham Lincoln as Authentic Reproduction: A Critique of Postmodernism”. *American Anthropology* 96(2): 397-415, 1994.
- GRINBERG, Keila. Entrevista concedida a Nathalia Pereira da Silva. [s.l.], 15 dez. 2020.
- HALL, Stuart. “West and the Rest: Discourse and power”. Morley, D. (ed.) *Stuart Hall: Selected Writings and Essential Essays, Volume 2: Identity and Diaspora*. Durham: Duke Univ. Press, 2018.
- KILOMBA, Grada. *Ilusões* vol. I, Narciso e Eco (2017).
- LARSEN, Jonas; URRY, John. *The tourist gaze 3.0*. London: Sage, 2011.
- MIGLIEVICH-RIBEIRO, Adelia. “Raymond Williams e ‘estruturas de sentimentos’: os afetos como criatividade social”. *Resgate - Rev. Interdiscip. Cult.*, Campinas, v. 28, 2020.
- NOVAES, Adriano. Entrevista concedida a Nathalia Pereira da Silva. [s.l.], 08 ago. 2020.
- NUNES, Silvana. Entrevista concedida a Nathalia Pereira da Silva. [s.l.], 19 jul. 2022.
- SALLES, Ricardo H. *Nostalgia imperial: a formação da identidade nacional no Brasil do Segundo Reinado*. Rio de Janeiro: Editora Ponteio, 2013.
- SCHUCMAN, Lia V. *Entre o encardido, o branco e o branquíssimo: branquitude, hierarquia e poder na cidade de São Paulo*. São Paulo: Veneta, 2020.
- SHELLER, Mimi; URRY, John. *Tourism mobilities: Places to Play, Places in Play*. London: Routledge, 2004.
- OLLIVEIRA, Cecilia. “Turistas podem ser escravocratas por um dia em fazenda sem racismo”. *The Intercept Brasil*. 06 dez. 2016. Disponível em: <https://theintercept.com/2016/12/06/turistas-podem-ser-escravocratas-por-um-dia-em-fazenda-sem-racismo/> Acesso em: 04/07/2021
- Ouvidor denunciou fazenda. *Afropress*. 19 dez. 2006. Disponível em: <https://www.afropress.com/ouvidor-denunciou-fazenda/> Acesso em: 08/07/2021.